

## A memória coletiva dos santos lugares

Maria Leticia Mazzucchi FERREIRA<sup>1</sup>

HALBWACHS, Maurice. **La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte**. Paris : Presses Universitaires de France, 2008.

“Como se formaram essas tradições sobre o que chamamos de Lugares Santos? O que eram em sua origem? [...] Não busquemos saber se as tradições sobre os Santos Lugares são exatas, de acordo com os fatos antigos. Nós as recebemos já formadas, a partir do momento em que aparecem a nós, e as estudamos no curso de séculos que seguem. Se, como acreditamos, a memória coletiva é essencialmente uma reconstrução do passado, se ela adapta a imagem dos fatos antigos às crenças e às necessidades espirituais do presente, o conhecimento do que era na origem é secundário ou mesmo inútil, pois a realidade do passado não está mais ali”.

Podemos pensar a obra “A topografia legendária dos Evangelhos em Terra Santa” como uma verdadeira obra de síntese, aquela na qual Halbwachs deixa ao leitor suas reflexões essencialmente pessoais, ou seja, as reflexões de um judeu trilhando os lugares santos do cristianismo e a confirmação, baseada na experiência religiosa desses lugares, de que a memória coletiva se constrói a partir de quadros sociais, dentro de uma temporalidade que a formata e estrutura ancorada em lugares e grupos.

Maurice Halbwachs, nascido em 1877 na cidade de Reims, França, trilhou uma carreira magistral cuja base estava nos estudos filosóficos sob influência de Henri Bergson. Essa incursão nos princípios de Bergson sobre a memória individual, sobre as formas da memória, a permanência do passado e a complexa tese sobre a duração como medida do tempo vivido, darão a Halbwachs os instrumentos fundamentais que o levaram a superar o mestre e avançar para uma abordagem da memória não apenas em seu domínio do indivíduo, mas em sua origem no social. A memória como fato social, formada e reproduzida através do que denominou de “molduras sociais”, foi a grande resultante de sua adesão, em 1905, ao grupo de Durkheim (NAMER, 1997).

Em sua brilhante trajetória intelectual Halbwachs foi professor de sociologia na Universidade de Strasbourg, posteriormente professor na Sorbonne em 1935 e nomeado para o Collège de France em 1944, alguns meses antes de ser deportado para Buchenwald onde veio a falecer, vítima do horror nazista, em março de 1945 (NAMER, 1997).

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas

Enquanto Bergson ancora sua reflexão na psicologia da memória, Halbwachs desenvolve a idéia de uma memória estrutural. Para ele o passado não sobreviveria por inteiro numa perspectiva metafísica da memória e sim o passado se reatualiza na memória coletiva, para a qual cada memória individual aporta uma perspectiva unificadora. Englobando as lembranças de seus membros, essa memória coletiva não se confunde com eles, pois oferece a cada indivíduo a possibilidade de apreensão de sua própria cultura desde o exterior, quer dizer, a recordação através da memória dos outros (CIARCIA, 2002). A memória coletiva seria a experiência cultural do tempo, a presença do passado no presente, respondendo a objetivos e necessidades desse momento atual.

O espaço, fundamental nessa memória dos cristãos abordada na Topografia, confere estabilidade às alterações que se produzem no tempo da lembrança, o tempo do vivido. Halbwachs aborda nessa obra a inscrição memorial em um território no qual os indivíduos são confrontados com a alteração mítica da paisagem. A Palestina, como contexto geográfico dos Evangelhos, seria a fonte para um imaginário cultural no qual o lugar, consagrado pela lembrança e pela fé, perpetuaria a atualidade de uma eternidade (CIARCIA, 2002).

A “Topografia legendária dos Evangelhos em Terra Santa” foi editada, pela primeira vez, em 1941, numa França atordoada pela Ocupação. Ao contrário de obras anteriores de Halbwachs como “Os quadros sociais da memória”, essa não foi tão rapidamente debatida e assimilada nos meios intelectuais, o que em muito se deveu ao contexto pouco propício à transparência de um texto que visava discutir também os usos nazistas das Ciências Sociais. Última obra editada quando ainda era vivo Halbwachs, foi reeditada em 1971 graças ao esforço de seu filho caçula, Pierre Halbwachs (JAISSON, 2008).

Na “Topografia” Halbwachs leva a termo o que Namer denominou como “racionalismo experimental e coragem intelectual” (NAMER, 1997). Nos diários de suas viagens à Palestina em 1927 e 1939, o sociólogo da memória entrega-se à observações e reflexões que remetem à sua condição existencial como judeu, deixando antever o que a experiência dessa peregrinação contemporânea deixou para ele como pistas para a compreensão da memória coletiva dos santos lugares (JAISSON, 2008).

De sua primeira edição em 1941, passando por momentos de esquecimento (meados dos anos 1960), momentos de recuperação como em 1971 e após 1990, a edição atual de 2008 apresenta algumas características que a diferenciam das anteriores. Em sua primeira parte são apresentadas as contribuições de cinco autores, sociólogos, historiadores e filósofos. Na Introdução, Marie Jaisson traz ao conhecimento do leitor os elementos fundamentais dos diários de Halbwachs sobre suas viagens aos Lugares Santos e outros que irão compor o cenário histórico e religioso no qual insere seus estudos sobre a memória

coletiva religiosa. A socióloga apresenta também um estudo sobre a recepção do livro, dispondo em gráfico os momentos nos quais a obra é editada e a correspondente reação da intelectualidade, demonstrando a vertiginosa ascensão a partir dos anos 1990, momento no qual a sociologia da memória se imporá como fundamental para a compreensão do passado no presente.

Na seqüência aparece o texto de Danièle Hervieu-Léger que inscreve o texto de Halbwachs numa sociologia dos fatos religiosos, analisando como a tradição religiosa, especificamente se referindo à tradição cristã manifesta em lugares fundantes, reinventa as tradições judaicas desses locais. No texto do filósofo Jean-Pierre Cléro é restituída a influência do pensamento de Leibniz sobre as pesquisas de Halbwachs, sobretudo no que se refere à memória individual e sua inserção numa memória coletiva. Também Marie Jaisson analisa as etapas do trabalho de Maurice Halbwachs dos anos 1920 aos últimos textos. Já Sarah Gensburger demonstra como a obra de Halbwachs influenciou metodologicamente seus trabalhos contemporâneos e finalmente Eric Brian organiza um léxico de categorias fundamentais da sociologia da memória e suas compreensões na obra do sociólogo.

Antecedendo o texto de Halbwachs está a carta de sua esposa Yvonne Halbwachs, escrita em setembro-outubro de 1945, destinada à William F. Ogburn, professor de sociologia na Universidade de Columbia e Chicago. Essa carta, publicada em inglês no *American Journal of Sociology*, é sem dúvida o momento mais dramático e também mais humano da leitura desse livro, em sua última edição. Nessa carta Yvonne Halbwachs se mostra mergulhada em sua dolorosa e recente viuvez, massacrada por sucessivas perdas no interior da família, amargurada por ter tido marido e filhos seqüestrados pela violência política do Regime de Vichy. Essa carta, escrita após o recebimento da confirmação da morte de Halbwachs, ocorrida em condições atroztes de debilitação moral e física, é um relato da experiência da dor e da impotência diante do cenário brutal e da vergonha desses tempos de guerra e Ocupação.

A segunda parte do livro no qual encontramos a obra de Halbwachs, antecedida justamente pela carta-memória de sua esposa, é composta por oito capítulos que são na verdade uma análise sobre oito lugares-memória do cristianismo: o peregrino de Bordeaux; Belém; O Cenáculo e a tumba de Davi; a pretória de Pilatos; a Via Dolorosa; o Monte das Oliveiras; Nazaré e o Lago de Tiberíades.

Completando o texto da Topografia estão imagens e mapas da Palestina por volta de 1850, Jerusalém moderna e no começo do século XX.

## UMA TOPOGRAFIA DA MEMÓRIA

O texto de Halbwachs começa por um relato de peregrinação, o Peregrino de Bordeaux, datado do século II D.C. Esse relato, um dos mais antigos de acordo com o autor, faz parte daquilo que Halbwachs considerará como formadores de memórias coletivas: os movimentos e narrativas peregrinatórias.

Nos capítulos que seguem Halbwachs desenvolve, a partir dos lugares santos, a idéia que as lembranças dos cristãos (o que se pode aplicar também a outros sistemas religiosos) se apóiam sob quadros espaciais e temporais sendo necessário que os mesmos possam exprimir e representar esse grupo. Assim uma crença localiza a tumba de Davi e Isaias em Belém uma vez que a narrativa cristã os coloca como ancestrais de Jesus e será justamente Belém o lugar consagrado para sediar seu nascimento (p.51).

A afirmação da Via Dolorosa (*Via Crucis*) e sua disposição no espaço vai ser igualmente um dispositivo importante de ritualização da memória cristã. Seguir os últimos passos de Jesus, caminhos que o levaram à crucificação, parece ter adquirido uma importância fundamental apenas a partir do século XIII. Tal como apresenta Halbwachs, o relato de um missionário, Ricoldus, deixa claro essa necessidade de ancorar no espaço a memória do suplício. Diz Halbwachs, se referindo a Ricoldus, “ele visita Jerusalém para se embrenhar mais profundamente no espírito da paixão do Cristo [...] daí a importância que há para ele seguir o caminho pelo qual Cristo passou com sua cruz” (p.84).

Foi no século XIII que se fixou o trajeto percorrido entre o Pretório e o Calvário. Os pontos principais desse itinerário serão demarcados por relatos e lembranças que formarão o caminho da Cruz. Alguns episódios que aparecem na Via Crucis foram agregados posteriormente, tal como o de Verônica e o lenço no qual ficou impressa a face de Jesus. De igual forma, a topografia medieval cria lugares tais como a Porta Judiciária, ao lado do local das execuções (p.87). É em relação ao Monte das Oliveiras que se pode igualmente observar essas anexações da tradição e a relevância que vai adquirindo a memória da Ascensão de Cristo, vai também exigindo que se fixe no monte o local desse ato memorial. Percebe-se que esse lugar já aparecia em relatos bíblicos, com diferentes eventos a ele fixados. Assim diz o autor “O Monte das Oliveiras torna-se para muitos a montanha bíblica por excelência [...] e condensa ali várias tradições flutuantes. O peregrino de Bordeaux dispõe ali a Transfiguração enquanto outros colocam ali as Beatitudes” (p.91).

Da mesma forma Nazaré aparece como uma tradição forjada pelos cristãos, não havendo registro da mesma à época de Jesus, não sendo mencionada antes dos Evangelhos. Várias narrativas foram se formando ao redor dessa pequena cidade e as buscas pelo local da casa de José, a Igreja da Educação, erigida no local onde Cristo

recebeu as primeiras lições, vão disputar com tradições judaicas os lugares do sagrado (p.93).

Tendo como fontes para sua pesquisa os relatos de peregrinos, os Evangelhos, as tradições orais e a literatura, bem como os vestígios materiais disponíveis nos Santos Lugares, Halbwachs esclarece que,

Os Evangelhos “parecem ser fruto de um trabalho de elaboração coletivo e em parte popular, o que se faz notar por suas diferenças e semelhanças. Observa-se por exemplo que João não fala de Getsémane e coloca em outro lugar a angústia de Jesus. Ele também não fala de Belém [...] em Lucas é uma pecadora que, na casa de um fariseu, espalha perfume sobre os pés de Jesus. Em João é Maria, em Bethania, na casa de Lázaro. Em Marcos e Mateus é uma mulher na casa de Simão [...] Dos quatro Evangelhos se retira, senão em relação aos discursos, pelo menos em relação aos lugares e acontecimentos e suas significações, um quadro geral parecido. É já uma lembrança ou um conjunto de lembranças comum a um grupo” (p.118)

A força com a qual os lugares se inserem como pontos de apoio da memória cristã se deve provavelmente ao fato de que, inseridas num mundo onde predominava a tradição judaica, foram os pilares de uma memória de grupo, da qual os Evangelhos compõem a narrativa fundadora. Ao mesmo tempo, a memória coletiva é auto-regulável e situada em um momento presente. Exemplo disso é a *Via Crucis* que durante muito tempo foi ignorada pelos cristãos. Será no século XIII, muito em razão da pregação Franciscana e a necessidade de reproduzir os sofrimentos de Cristo como um exercício espiritual, que essa memória será recuperada, preservada e alterada no decorrer do tempo.

Na Topografia pode-se observar que há diferentes formas de relação da memória coletiva com os lugares. Observa-se que por vezes vários fatos podem ser localizados no mesmo lugar (a exemplo do Monte das Oliveiras) ou a localização, em um mesmo lugar, de fatos que não possuem necessariamente relação entre eles como, por exemplo, a Colina de Sion em Jerusalém na qual se localiza o Cenáculo, a tumba de Davi e outras lembranças.

Pode-se compreender que a medida que o tempo passava e mais se distanciava do momento original, foi sendo necessária a afirmação de uma memória dos fatos, localizada em lugares, memória essa necessária para se transformar num fio agregador dessa comunidade de fiéis. Halbwachs demonstra muito claramente esse pensamento ao mostrar que essa memória coletiva foi se formando a partir de invenções, tais como o nascimento de Jesus em Belém e a passagem de José e Maria por essa cidade.

Conclui o autor que,

A memória coletiva cristã adapta a cada época suas lembranças dos detalhes da vida do Cristo e dos lugares, vinculando-se às exigências contemporâneas do cristianismo, suas necessidades e aspirações [...] somente nesse esforço de adaptação os homens disputam ritos, comemorações, fixadas em pedras, em igrejas e monumentos. É verdade que esses objetos, tal como aparecem, resultam de uma adaptação de crenças herdadas do passado às crenças do presente (p.163)

A Topografia Legendária pode ser vista como uma obra exemplar daquilo que Halbwachs conceituou como Memória Coletiva no sentido da vinculação de uma memória

associada a um grupo, formatada em seu interior. Essa memória cristã, por se apresentar como unificadora de um passado, seja pela ritualização, seja por sua própria atualização no presente. Alguns elementos aparecem como recorrentes na memória tal como a associação de fatos milagrosos da vida de Jesus a outros personagens-chave da narrativa cristã como Davi, bem como a organização e disseminação de uma Via Crucis eternizaria o processo de sofrimento, humilhação e sacrifício pelo qual esse Jesus crucificado se afirma na memória coletiva. Abordado por Halbwachs como uma moldura da memória, o espaço trilhado, mítico, peregrinatório, é mais do que cenário dessa narrativa religiosa, é sua essência e garantia de constante reprodução.

Conclui-se que essa obra, ainda que menos conhecida no Brasil em comparação com outras do autor, tal como “A memória coletiva”, foi fundamental para a afirmação de sua tese sobre as molduras sociais da memória, o papel fundamental dos grupos formadores de memória como os relatos bíblicos, os peregrinos, os vestígios materiais. Ao mesmo tempo, em nenhum outro texto aparece tão fortemente a figura do autor e seus dilemas e temores, circunstanciado em um tempo do qual a memória quis tanto esquecer.

#### **REFERÊNCIAS:**

NAMER, Gérard. Halbwachs. In: MONTLIBERT, Christian de (sous la coordination). **Maurice Halbwachs 1877-1945**. Strasbourg: Universitaires de Strasbourg, 1997.

CIARCIA, Gaetano. Notes autour de la mémoire dans les lieux ethnographiques. **Ethnologies comparées**, n.4, Printemps, 2002.

JAISSON, Marie. Mémoire collective et espace social. In: HALBWACHS, Maurice. **La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte**. Paris: Universitaires de France, 2008.